

ESPORTE NÃO TRADICIONAL NO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Annanda Garcia de Paula¹
Wéssila Aparecida Henrique Clem²
Rosa Maria Reis³
Anderson da Cunha Baía⁴

Palavras-chave: Ensino; Esporte; PIBID; Escola.

INTRODUÇÃO

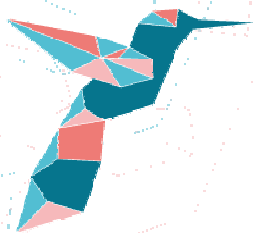
Esse relato de experiência faz parte da sistematização dos resultados do projeto de ensino intitulado “*Esporte não tradicional*”, construído e vivenciado pelos bolsistas de Iniciação à docência do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal de Viçosa (UFV). O projeto foi desenvolvido no Ensino Médio de uma Escola Estadual da cidade de Viçosa, pelos discentes Annanda Garcia de Paula, Emanuel Mattos Della Lucia, Fabiana Paz do Carmo, Igor Viana Nery de Siqueira, Patrícia da Silva Ribeiro, Rafael Fernandes de Freitas e Wéssila Henrique Clem. A supervisão ficou a cargo da professora de Educação Física Rosa Maria Reis e a coordenação dos professores Anderson da Cunha Baía e Jaqueline Cardoso Zeferino.

Nosso grupo de trabalho compreende a escola como *lócus* singular para a abordagem e vivência de um conjunto de conhecimento, que nas palavras de González e Fensterseifer (2010), são insubstituíveis. O esporte é um deles. Nas aulas de Educação Física ele ganha status de conteúdo a ser pedagogizado, tendo a função de contribuir com sua apropriação crítica, na sua amplitude, nas suas contradições, na sua relação com a realidade.

Apoiamos em Vago (2012 p.76), para dizer que *a escola é lugar de circular, de reinventar, de estimular, de transmitir, de produzir, de usufruir, enfim, de praticar cultura*. É ancorado nesse pensamento que confrontamos a nossa realidade, onde encontramos, ainda, muitas escolas pautadas em uma Educação Física tradicional, limitando seu fazer pedagógico ao ensino, mecânico, quando muito, das cinco modalidades de esportes: voleibol, futsal, futebol, basquetebol e handebol.

Nesse caso, o esporte é compreendido, na maioria das vezes, como única alternativa nas aulas de educação física e, muitas vezes, não há um tratamento pedagógico alinhado aos objetivos da escola, sendo os conteúdos apresentados de forma fragmentada e superficial, priorizando apenas o “saber fazer”. Nesse sentido, o nosso desafio foi buscar alternativas de trabalhar com o conteúdo esporte, na tentativa de ressignificá-lo, rompendo com o atual tradicionalismo encontrado em muitas escolas, ampliando o diálogo da Educação Física com outras práticas culturais que, no nosso meio, não faz parte do currículo escolar. Na expectativa de motivar a vivência e percebendo a necessidade de oferta de conteúdos da Educação Física que não estavam sendo contemplados nas aulas, optamos em introduzir um esporte que não fosse comum naquele ambiente, que fosse “não tradicional” naquela escola, o Beisebol, construindo assim com os alunos novas experiências, conhecimentos, reflexões para que pudessem ampliar a compreensão das múltiplas maneiras de praticar o esporte na escola.

Quando fizemos esta escolha, algumas questões foram surgindo, tais como: Haverá aceitação dos alunos em vivenciar um esporte não tradicional? A nossa formação acadêmica permitiria trabalhar com um conteúdo pouco conhecido por nós? Seria possível ressignificar o tema esporte rompendo com o tradicionalismo encontrado na escola? Diante dessas



questões, temos como objetivo compreender os desafios e possibilidades de tratar pedagogicamente o conteúdo Beisebol nas aulas de Educação Física de uma Escola Estadual na cidade de Viçosa, Minas Gerais.

METODOLOGIA

O projeto de ensino contou com um período de estudos entre março e agosto de 2014, onde participamos de diferentes momentos formativos, passando por debate e reflexão de documentos oficiais da educação e temas da Educação Física. O desenvolvimento do projeto aconteceu entre os dias 23/09 a 31/10 de 2014, em seis aulas, em três turmas do Ensino Médio (2º ano A; 3º ano A; e 3º ano B) de uma Escola Estadual da cidade de Viçosa, MG.

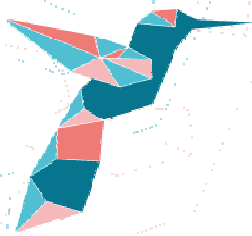
Como estratégias de ensino, utilizamos: filmes, vídeos, questionários, materiais oficiais utilizados na modalidade, e alternativos. Os temas das aulas foram: 01) Avaliação diagnóstica; 02) Jogos de lançar e rebater; 03) Jogo de lançar e rebater: Tacobol (Bete); 04 e 05) Vivência prática da modalidade; 06) Avaliação do Projeto.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Concordamos com Vago (2012) quando ele diz que não devemos negar o esporte na escola, mas dar a ele uma visão crítica, que auxilie ao aluno na apropriação do conhecimento que o leve a autonomia para o entendimento do fenômeno esportivo. É o tratamento articulado do conhecimento sistematizado de diferentes áreas que permite ao educando (a) constatar, interpretar, compreender e explicar a realidade social complexa, formulando uma síntese no seu pensamento à medida que vai se aprofundando no conhecimento científico universal sistematizado pelas diferentes ciências ou áreas do conhecimento (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.18).

Trabalhar o beisebol não foi a princípio, uma tarefa fácil. O aluno, na maioria das vezes, quando foge do conteúdo tradicional, rotineiro, tende a criar resistências quanto ao trato com o conteúdo. Cabe lembrar, que a mídia investe em popularizar a informação, cabendo às instituições de ensino, como a escola, dar o trato pedagógico ao conteúdo de forma que tome sentido e significado (MELO, 2008, p.1). Nesse sentido, a Educação Física na escola contribui com a preservação, circulação e reinvenção do acervo cultural construído pelo homem ao longo dos anos. Motivados pela necessidade de maior compreensão do conteúdo, a supervisora Rosa e os discentes Wéssila, Rafael, Emanuel, Patrícia e Fabiana, foram até a escola para vivenciar a modalidade, dedicando a manhã do dia 07 de setembro de 2014 a praticar o esporte, embasados nos estudos que havíamos iniciado e estratégias pedagógicas que utilizaríamos com os estudantes. Foi uma experiência muito proveitosa para o andamento do projeto, muito nos auxiliou para um aprofundamento, fundamental para a ação docente.

As regências foram realizadas nas três turmas, por diferentes duplas/trios. Assim, cada um tem sua percepção da vivência que o projeto proporcionou. Mas um fato foi comum às três turmas. Percebemos a dificuldade dos alunos em diferenciar jogo de esporte. A priori, essa diferenciação parece algo trivial. No entanto, em se tratando de Ensino Médio, esses conceitos já deveriam ter sido assimilados, visto que eles se encontram no último ciclo da escolarização. Ciclo este, que segundo o Coletivo de Autores (1992, p.23-24), trata-se de um período de aprofundamento da sistematização do conhecimento, de apreensão especial com o objeto, compreendendo e explicando que há propriedades comuns e regulares nos objetos, lida



com a regularidade científica, podendo ser produtor de conhecimento científico. Afirmado a incumbência da escola de formar o cidadão crítico e consciente da realidade social em que vive para poder nela intervir na direção dos seus interesses de classe.

Surgia então a questão: como tratar um conteúdo que ainda não havia sido visto por eles? Como aprofundar? Isso nos orientou a construir nossas aulas com objetivo de apropriar do jogo e sua dinâmica, mesmo entendendo que em um processo de escolarização essa fase já deveria ter sido completada em etapas anteriores de ensino. Isso nos indica que muitas vezes há um descompasso entre teoria e realidade. Se a proposta metodológica do Coletivo de Autores indica determinada fase, a realidade da Educação Física em nossa escola indica outra necessidade. Em contrapartida isso nos ajuda a compreender que as propostas metodológicas não devem ser entendidas como receitas, manuais, mas orientações que podem ser utilizadas, mas prescinde do professor colocá-la a ser serviço.

CONCLUSÕES

Os estudos teóricos e práticos, o estudo do conteúdo, os acompanhamentos, assim como, as conversas que tínhamos com o núcleo, a fim de levantar pontos refletindo sobre nossa prática, foram fundamentais para o projeto. A partir desses elementos de formação, fomos percebendo o que podia estar sendo melhorado, o que estava bom, além de compreender elementos da práxis pedagógica. A experiência com a construção e execução do projeto de ensino no PIBID, foi sem dúvida, uma vivência de muito significado para nossa formação acadêmica. Com ele pudemos ampliar o tempo de contato com a escola, conhecer um pouco mais a realidade escolar, entender quem eram alguns dos estudantes do ensino médio. Tivemos, ainda, a oportunidade de conhecer mais o tema, conhecer o esporte, conviver com educadores, conviver com futuros professores e experimentar estratégias de ensino.

REFERÊNCIAS

- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- MELO, Rogério Zaim. **É possível o beisebol ser trabalhado nas aulas de Educação Física Escolar?** Buenos Aires - Ano 13 - Nº 119 - Abril de 2008. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/> Revista Digital>. Acessado em 01/03/2015.
- GONZÁLEZ, Francisco Jaime. **Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas para o não lugar da EF escolar II**. Cadernos de Formação RBCE, p. 10-21, mar. 2010.
- VAGO, Tarcísio Mauro. **Educação Física escolar: para enriquecer a experiência da infância e da juventude**. Belo Horizonte, Mazza, 2012.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Esse estudo conta com financiamento da CAPES, por meio do programa PIBID

¹ Discente, bolsista PIBID do curso de Ed. Física da UFV. E-mail: annandagarcia paula@gmail.com

² Discente, bolsista PIBID do curso de Ed. Física da UFV. E-mail: wessila.clem@ufv.br

³ Supervisora PIBID. Profª da Escola Estadual Effie Rolfs. E-mail: rosa.reis@ufv.br

⁴ Coordenador PIBID. Profº do Departamento de Ed. Física da UFV. E-mail: andersonbaia@yahoo.com.br